

e-books
NÚCLEO DE FORMAÇÃO



Arte,

Imaginação e Sentido



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Cruz, Paulo

Arte Imagem e Sentido: Aula 1

ISBN:

1. História da Arte

CDD 709

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

O que é a arte? Como ela se desenvolveu ao longo do tempo? O que é beleza? Nesta primeira aula do curso, o professor Paulo Cruz enfoca esses temas e explica porque a arte moderna está tão distante da arte produzida até a entrada na Modernidade.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: os diferentes conceitos de arte; a função da arte; o que é a proporção áurea; as mudanças artísticas implementadas pela Modernidade.

INTRODUÇÃO

A imaginação é fundamental para que se construa um melhor raciocínio. Ligada à imaginação, há a arte, pois, fundamentalmente, é através desta que alimentamos aquela. A literatura, o cinema, as artes plásticas, a pintura, alimentam a nossa imaginação.

Neste curso, buscarei fazer uma conexão entre a arte, entre aquilo que é a imaginação, e quais são as funções da imaginação, ou seja, para que a imaginação serve. Além disso, abordarei como isso pode contribuir para que (re)adquiramos um sentido para própria vida.

Isso porque, fatalmente, eu concordo com o Viktor Frankl, do qual falaremos em nosso próximo encontro, de que a doença do nosso tempo é a falta de sentido. A maioria das pessoas está vivendo sem saber o que está fazendo, por que está aqui. Claro que isso é uma doença moderna e que hoje parece que se agrava com o surto que há de suicídio e de depressão. Cada vez, a gente mais nova cometendo suicídio. Então, a situação está muito complicada.

Nessas duas aulas, portanto, iremos estabelecer uma conexão entre esses três temas, a arte, a imaginação e o sentido, para concluir unindo-os e apontando qual sua importância para nossa vida.

Começaremos com a arte.

A ARTE



Na figura acima, temos o quadro “O Nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli, uma das obras mais belas da história da arte. Mas, qual a definição de arte? O que entendemos por arte e para que esta serve? Eu trouxe algumas definições possíveis. Como vocês irão perceber, tais definições apresentam uma espécie de ascensão.

Ernst Gombrich

A primeira definição ocupa essa posição justamente por ser a mais crua e simples de todas. Ela pertence a Ernst Gombrich e está exposta em seu famoso livro “A história da arte”:

“Uma coisa que realmente não existe é aquilo a que se dá o nome de Arte. Existem somente artistas. Outrora, eram homens que apanhavam terra colorida e modelavam toscamente as formas de um bisão na parede de uma caverna; hoje, alguns compram suas tintas e desenham cartazes para os tapumes; eles faziam e fazem muitas outras coisas. Não prejudica ninguém chamar a todas essas atividades de arte, desde que conservemos em mente que tal palavra pode significar coisas muito diferentes, em tempos e lugares diferentes, e que Arte com A maiúsculo não existe” (E. H. Gombrich, *A História da Arte*).

A primeira definição, portanto, é: não existe arte, qualquer coisa pode ser arte. Um aspecto interessante. Para quem ainda não o assistiu, recomendo o filme “A

caverna dos sonhos esquecidos” do famoso documentarista alemão Werner Herzog. Herzog foi à caverna de Chauvet, na França. Essa caverna, de difícil acesso, foi encontrada nos anos 1990 e apresenta uma quantidade espetacular de pinturas rupestres, as quais se estima que tenham de 20 a 30 mil anos. Nessas pinturas, está presente a noção de movimento nos animais. Essas pinturas são arte.



Claro, não é o tipo de arte como “O nascimento de Vênus”, mas é arte. Vemos que houve um cuidado para pintar aquilo e que não foi simplesmente um homem rabiscando qualquer forma. Assim, vamos compreender que o sentido de arte também pode ser elaborado, não só “não tem arte, só tem artista”.

Cláudio Pastro

A segunda definição que selecionei pertence ao artista brasileiro Cláudio Pastro, falecido há pouco tempo. Exímio artista, Pastro foi responsável por fazer a última decoração da Basílica de Aparecida do Norte. A citação abaixo foi retirada de seu livro “A Arte no Cristianismo”, cuja leitura recomendo.

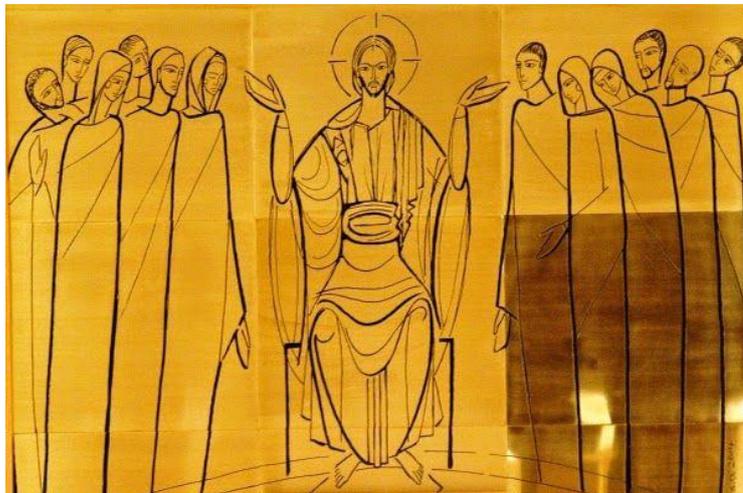
“A palavra ARTE, cuja origem está no latim ARS, ARTIS, significa serviço, função e trabalho. Da Antiguidade Clássica à baixa Idade Média, em todos os povos primitivos, não se concebe a arte como produto de mera contemplação estética, como produto de mercado. A arte era a função enobrecida de realizar os atos cotidianos, os mínimos atos. Por que? Porque tudo era sagrado”.

Nesta definição, Pastro estabelece uma conexão entre a arte e aquilo que é sagrado. Geralmente, as pessoas consagravam tudo aquilo que iam fazer. Tanto é que a palavra poeta é serviço, é um trabalho, não é só poesia como conhecemos hoje. *Poetis* era aquele que fazia coisas. Nessa época, o mundo era divinizado. Na verdade, uma parte da filosofia grega tratou de desdivinizar o mundo, de separar as

coisas do mito daquilo que era meramente racional. Esses aspectos foram, posteriormente, novamente reunidos por Platão, mas aqueles primeiros filósofos, chamados pré-socráticos, fazem um esforço de desdivinizar as coisas, de tentar explicá-las através de processos naturais. Fato é que praticamente todas as atividades eram ligadas a mitos. Todos os costumes, toda a moralidade, todas as atividades rituais. Tudo aquilo que tinha um caráter religioso ou sacramental, digamos assim.

Há sempre um sentido sacramental naquilo que era arte na Antiguidade, naquilo que era a arte para o mundo antigo. Suponhamos, por exemplo, que as pinturas de bisão na caverna de Chauvet era feitas porque, ao desenhá-las, algo acontecia e eles conseguiam caçar o bisão no dia seguinte.

Eu trouxe uma pintura do Cláudio Pastro para mostrar para vocês.



Pastro tinha muita habilidade nesse tipo de forma, que parece muito simples, mas é muito bonito. Esse traço dele é muito característico. Há várias igrejas no Brasil que foram decoradas por ele. Recomendo que vocês procurem depois na internet, pois há bastante informação sobre Pastro e suas pinturas.

Vamos dar um passo adiante no significado de arte.

Roger Scruton

Claro, trataremos agora da definição do atualmente arqui-conhecido Roger Scruton, presente em seu livro “Beleza”, recentemente publicado no Brasil. Scruton tem uma preocupação sobretudo com o sentido da beleza. Não só com o que é arte, mas com o que é o belo, com o que é a beleza. Além disso, tem uma preocupação em recuperar o sentido da beleza porque, para ele, a beleza tem uma função. Esses

aspectos mais amplos serão abordados em breve. Neste instante, focaremos nossa atenção em sua definição de arte, bastante interessante:

“A arte tal qual a conhecemos encontra-se no limiar do transcendental. Ela aponta para além deste mundo de coisas acidentais e desconexas, na direção de uma esfera em que a vida humana é agraciada com uma lógica emocional que torna o sofrimento nobre e faz com que o amor valha a pena.”

Neste trecho, outro aspecto está exposto. O caráter sacramental da arte não tem só a função de me ligar à divindade ou de ter uma faceta ritual. A arte também me traz para dentro de mim mesmo para me reconectar novamente com aquilo que há de sagrado. Por isso, Scruton fala que torna o sofrimento nobre e faz com que o amor valha a pena.

Continuando:

“Desse modo, *ninguém que atente para a beleza carece do conceito de redenção, de uma transcendência derradeira que conduz da desordem mortal a um ‘reino de finalidades’*. Numa época em que a fé está em declínio, a arte dá contínuo testemunho da fome espiritual e dos anseios imortais de nossa espécie. É por essa razão que a educação estética é mais importante hoje que em qualquer outro período de nossa história. Nas palavras de [Richard] Wagner: ‘Está reservada à arte a função de salvar o núcleo religioso pelo reconhecimento das imagens míticas que a religião desejaria acreditadas e revelar, por meio da representação ideal de seu valor simbólico, a verdade que se esconde no interior delas’. Até mesmo para o incrédulo, portanto, a ‘presença real’ do sagrado é um dos dons mais sublimes da arte”. (Roger Scruton, *Beleza*).

Isso é interessante porque, na Europa, há países de tradição cristã que hoje têm uma quantidade elevada de ateus e de pessoas que não praticam nenhuma religião. Houve uma dessacralização do cotidiano das pessoas. Por outro lado, gosto sempre de citar um exemplo que eu tenho muito apreço, que é o cinema dinamarquês, ao qual cheguei acidentalmente e pelo qual me apaixonei. Na Dinamarca, atualmente, há uma quantidade enorme de ateus. Porém, o cinema dinamarquês ainda guarda uma conexão muito particular com a religião ou com aquilo que é sagrado, melhor dizendo.

Um exemplo é o filme “A caça”, de Thomas Vinterberg. Para quem ainda não viu, eu recomendo. Neste, o protagonista é um professor de ensino básico, o qual tem uma aluna que nutre uma afeição por ele. Essa aluna, uma menina de cerca de dez

anos, tem um irmão um pouco mais velho, safadinho, que fica assistindo à pornografia no tablet. Um dia, essa menina acaba vendo esses conteúdos. De repente, ela tenta se aproximar do professor, o protagonista, de um jeito um tanto esquisito e ele percebe aquilo. Ele se afasta dela e ela inventa que ele a assediou. Por conta disso, esse professor é demitido, passa a ser rechaçado na rua, as pessoas batem nele dentro do supermercado. Enfim, ele passa a sofrer uma perseguição terrível porque não conseguia se defender, afinal, por que uma criança mentira isso? Ninguém acredita nele, que passa a sofrer bastante. No final do filme, há uma virada. Essa virada acontece dentro de uma igreja. Esse professor resolve ir à missa ou culto de Natal. Ele já era um proscrito, já estava abandonado, sozinho, mas resolve ir. Estava todo mundo reunido dentro da igreja. Ele entra, senta em um cantinho e a virada acontece quando o pai da menina vira e olha para ele. Essa troca de olhares entre os dois dentro da igreja, em uma solenidade de Natal, muda completamente a história do filme. Ali, parece que o pai da menina descobre que ele não tinha culpa mesmo.

O cinema dinamarquês tem muito disso. Ele fica jogando com a questão da crença e da descrença. Eu costumo dizer que eles não fecham a janela da Graça, digamos assim. Sempre tem uma fresta pela qual você pode olhar e pensar que não é um filme fechado em si mesmo, de completo niilismo. Em uma sociedade dessacralizada, a arte acaba por fazer esse papel de sacralizar novamente as pessoas ou de conectá-las de novo ao sagrado, ao sentido de transcendência, de reverência. A arte tem essa função.

É claro que, dos anos 1950-1960 para cá, quando falamos em arte, falamos em uma espécie de descaminho da arte. Ortega y Gasset tem uma obra interessante, chamada “A desumanização da arte”, na qual aborda o que aconteceu no século 20, em que os artistas deixaram de pintar a realidade para pintar uma ideia. Há outro livro, do Ferreira Gullar, chamado “Argumentação contra a morte da arte”. Há vários artistas que falaram sobre isso e o Scruton também. Neste livro “Beleza”, Scruton reflete acerca disso. Há aquele documentário famoso, disponível no Youtube, “*Why beauty matters?*”, em que também fala isso. Ele mostra o que fizeram com a beleza enquanto caminha ao lado dos prédios de arquitetura bauhaus, horríveis.

Essa ressacralização do nosso cotidiano, algo que a religião aparentemente não consegue mais fazer com tanto poder como antigamente, porque o mundo está muito corrido e as pessoas não tem tempo de pensar nisso, acaba sendo feita pela arte. É isso que Scruton diz em sua definição.

Andrei Tarkóvski

A próxima definição que trago é de Andrei Tarkóvski, o sujeito que, para mim, é o que mais entendeu o sentido sacramental da arte. Tarkóvski, que faleceu em 1986, era um difícil cineasta russo. A citação que apresentarei para vocês foi extraída de seu livro “Esculpir o tempo”, uma obra absolutamente sublime do ponto de vista de como ele enxergava a arte. Seu filme “O Espelho”, autobiográfico, não é muito linear, o que torna sua compreensão difícil para quem desconhece sua história.

Fato é que “Esculpir o tempo” dá um lampejo muito preciso do que Tarkóvski entendia por arte. Apesar do livro todo ser muito bom, acho que o trecho selecionado traz bastante sua definição de arte.

“[...] fica perfeitamente claro que o objetivo de toda arte - a menos, por certo, que ela seja dirigida ao ‘consumidor’, como se fosse uma mercadoria - é explicar ao próprio artista, e aos que o cercam, para que vive o homem, e qual é o significado da sua existência. Explicar às pessoas a que se deve sua aparição neste planeta, ou, se não for possível explicar, ao menos propor a questão. Para partirmos da mais geral das considerações, é preciso dizer que o papel indiscutivelmente funcional da arte se encontra na ideia do *conhecimento*, onde o efeito é expressado como choque, como catarse.

Catarse é um estado alterado de consciência que acontecia durante a tragédia grega. Aristóteles afirmava que a função da tragédia é provocar a catarse, que é uma espécie de liberação emocional que te conecta com o sagrado. É uma experiência mística através da arte. É aquilo que encontramos hoje em igrejas carismáticas, neopentecostais ou mesmo em cultos de religião afro-brasileira. Aquele estado de transe é a catarse no sentido religioso.

Andrei Tarkóvski prossegue:

“[...] A arte nasce e se afirma onde quer que exista uma ânsia eterna e insaciável pelo espiritual, pelo ideal: ânsia que leva as pessoas à arte [...] A função específica da arte não é, como comumente se imagina, expor ideias, difundir concepções ou servir de exemplo. O objetivo da arte é preparar uma pessoa para a morte, arar e cultivar sua alma, tornando-a capaz de voltar-se para o bem” (Andrei Tarkóvski, *Esculpir o tempo*).

Isso é uma definição quase platônica daquilo que é arte porque, para Platão, como veremos em breve, a nossa alma está em um estado de queda - como o cristianismo veio a reafirmar - e é preciso se reconectar a esse mundo ideal ou

espiritual. Então, a arte tem essa função, não muito em Platão, para quem a arte é a imitação da imitação, ou seja, que fazia uma crítica à concepção de arte, mas no modo como Tarkóvski expressa isso ao afirmar que “a arte é uma preparação para a morte, cultive-a”. Vem daí o sentido da palavra cultura. Cultura é cultivo e a arte faz justamente isso: cultiva, ara, a nossa alma, preparando-a para morte. A religião deveria fazer isso e faz ainda, por vezes. Porém, se estivermos em um mundo dessacralizado, tal como era o mundo em que o próprio Tarkóvski vivia, na União Soviética, de onde se exilou, vindo a morrer na Itália, a arte tem essa função como disse o Roger Scruton.

Tarkóvski diz que o artista é um servidor e está sempre tentando pagar pelo dom que recebeu. Essa função sacramental da arte é uma das coisas mais importantes hoje. Recuperar esse sentido da arte, apreender o que isso significa, que não é algo corriqueiro. A arte, em termos de contemplação artística, não é algo mais tão trivial, porque não estamos mais na Grécia Antiga. Não é sempre que estamos diante de algo grandioso como os europeus e até a arte antiga, como os povos de outrora.

No Brasil, temos um caminho muito mais complicado em direção a esse tipo de contemplação porque não tem muito a ser contemplado. Por exemplo, em São Paulo, há a Catedral da Sé. É uma igreja belíssima, mas está espremida entre diversos prédios a ponto de quase não conseguirmos mais enxergar a igreja. Temos uma certa dificuldade de encontrar esse espaço de contemplação, pelo menos arquitetônico.

Johann Wolfgang Goethe

Para Goethe, “a arte é uma mediadora do indizível”. A arte transmite aquilo que as palavras não conseguem transmitir. Mesmo na literatura, isso é uma verdade. Como dizem os teóricos da poesia concreta, os teóricos da linguística, a poesia é quando você faz uma relação de som e sentido e acaba por sobrepujar ambos.

Por exemplo: a música Morena de Angola do Chico Buarque - Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela, será que ela mexe o chocalho ou o chocalho é que mexe com ela?. O próprio som da palavra é um som de chocalho. Então, a poesia tem essa função de fazer com que as próprias palavras signifiquem coisas ou transmitam coisas.

Às vezes, o escritor consegue fazer com que uma palavra transmita um significado que a própria palavra não está querendo dizer.

O escritor Raduan Nassar, por exemplo, em seu livro “Lavoura Arcaica”, conseguiu produzir algo incrível. Para você compreender, digamos, por exemplo, que você não entende inglês, e está lendo um bom poema nessa língua. Mesmo que você não entenda o significado, conforme a leitura prossegue, as palavras vão transmitindo impressões. “Lavoura Arcaica” foi todo escrito assim. É uma obra que tem essa característica. Parece uma costura feita à mão, devagarinho. Cada página é um deleite de língua portuguesa e transmite muita emoção. As próprias palavras transmitem esse algo que é indizível. As próprias palavras transmitem aquilo que é uma espécie de mediação do indizível.

Eu trouxe mais esse exemplo, que é a pintura “A Balsa de Medusa” do Théodore Géricault. Para mim, uma obra bastante impressionante.



A riqueza de detalhes e o espanto que causa ver o desespero de alguns, a falta de esperança de outros. Caso você fique olhando para essa obra durante um tempo, verá que ela vai conversar com você, vai te dizer coisas. Você presta atenção em cada uma das personagens, em sua expressão. É muito impressionante a situação de desolação que essa obra transmite para nós.

Essa função da arte, dentro da educação, quase inexistente. Na exposição do “Queermuseu”, não é isso que estão querendo fazer. É o inverso disso, porque o conceito moderno e contemporâneo de arte é que esta é feita para chocar as pessoas.

O sujeito quer que você veja algo para ficar chocada, para ficar com nojo. O sujeito pega uma lata de excremento, coloca dentro de algo e fala que aquilo é a obra de arte dele. Passaremos por isso já já, quando falarmos de estética. Mas esse tipo de arte que quase não se vê mais, porque as pessoas acham que isso é ultrapassado. O legal agora é chocar e causar impressões de incômodo nas pessoas e não mais uma conexão sacramental em torno da arte.

A BELEZA

Focaremos nossa atenção no conceito de beleza. É um pequeno apanhado sobre estética. O que é a estética? Por que a estética é importante? Como conectamos a arte com a estética propriamente dita?

Eu fiz um pequeno apanhado das noções de estética ou do conceito de estética na Antiguidade e na Modernidade, para que consigamos desenhar e compreender por que isso é importante, qual é a importância da estética, qual é a função da estética na arte e também no modo como vemos a arte.

Platão

Começaremos por Platão, primeiro a se preocupar e se ocupar da arte. Como mencionei anteriormente, Platão inicia fazendo uma crítica à arte porque, para ele, esse mundo em que vivemos era uma cópia de um mundo perfeito, que estava em um lugar chamado por ele de supra sensível ou mundo das ideias. Então, esse mundo era uma cópia imperfeita de um mundo perfeito. Tudo aqui nesse mundo é uma cópia, inclusive aquilo que pensamos, aquilo que vestimos, etc..

A crítica que Aristóteles faz à teoria de Platão está muito baseada nisso: como Platão consegue imaginar que todas as coisas, as mínimas coisas que existem nesse mundo, tem um correspondente perfeito em outro mundo? Para Aristóteles, essa ideia era meio exagerada e estranha. A crítica dele às teorias de Platão, presentes no começo de "Metafísica", vão nesse sentido.

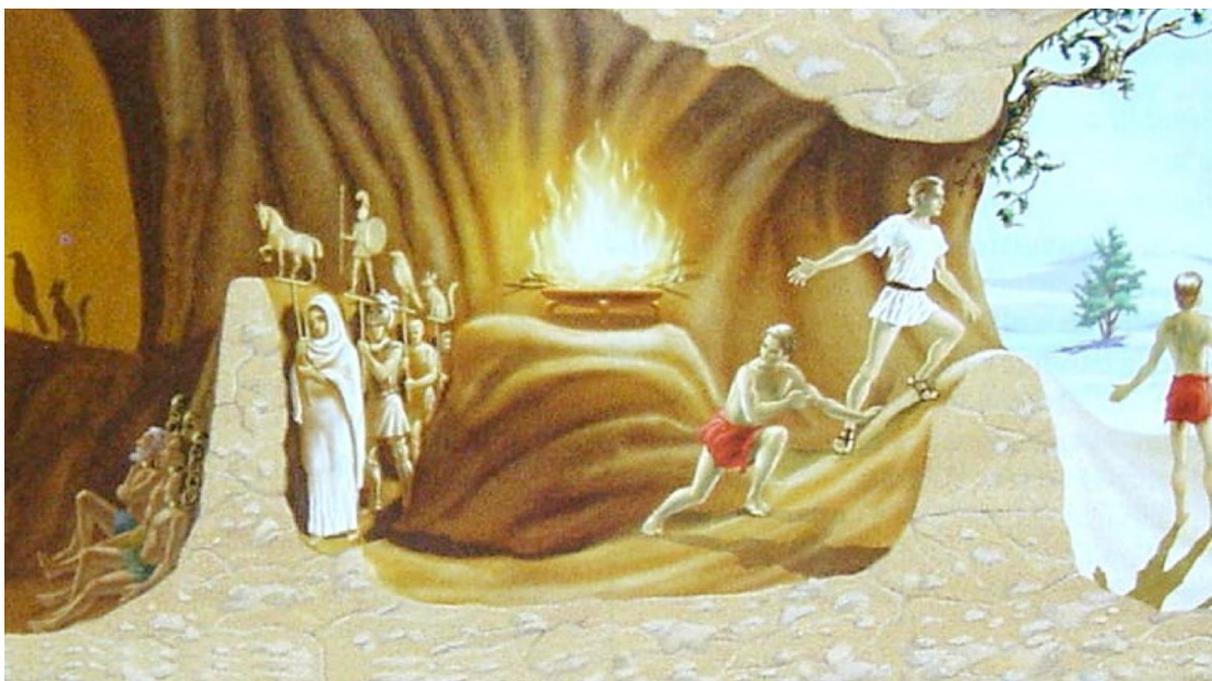
A visão que Platão tem de arte está fundamentada nessa visão que tinha do mundo, que era esse mundo dividido em duas esferas: uma sensível e outra inteligível. Mesmo esse mundo da cópia, dos sentidos, esse mundo imperfeito, podia fazer uma arte que não fosse mera imitação da imitação. Por isso, Platão afirma que os filósofos devem tentar se aproximar ao máximo daquilo que é belo, daquilo que é bom e daquilo que é verdadeiro, no sentido inteligível. O filósofo tem um caminho de

ascensão espiritual em direção à verdade, à beleza, àquilo que é bom. O conceito de arte e de estética de Platão também se originam daí.

Em sua pedagogia infantil, Platão afirma que é preciso contar fábulas para crianças em que os deuses só tenham sentimentos bons, em que os deuses transmitam moralidade, a fim de educá-las, a fim de educar sua imaginação. Por isso, Platão vai criticar Homero por ter depositado sentimentos negativos nos deuses em *Ilíada* e *Odisseia*. Para Platão, a visão da arte era apontar para o bem, para o belo, para o verdadeiro. O sentido arte, para Platão, era um sentido que hoje chamamos de idealista. O belo é um ideal.

Por exemplo: para Platão, e para os gregos em geral, o corpo perfeito era o corpo masculino, justamente por ser aquele que tinha a forma mais parecida com o corpo ideal do mundo das ideias. Os gregos se exercitavam muito, de modo a ter o corpo definido, e faziam campeonatos esportivos, porque tinham, no corpo masculino, o modelo de corpo que se aproximava desse corpo perfeito do mundo das ideias. A discussão de Platão a respeito disso é que quanto mais estivermos próximos desse mundo das ideias, mais próximos estaremos da verdade, da beleza, etc.. Essa discussão está muito presente em “O Banquete” e tem início ao refletirem sobre os corpos belos aqui da terra. Eles mencionam Alcibíades, um homem muito bonito, e a questão homoerótica que ocorria entre os mestres e os discípulos. Sócrates subverte isso ao afirmar que não importa contemplarmos o corpo imperfeito, que o que devia ser feito era tentar alcançar essa beleza perfeita do mundo das ideias. A filosofia platônica e a concepção estética de Platão, portanto, apontam para a perfeição. Veremos isso melhor quando abordarmos a questão da proporção.

Na “Alegoria da Caverna”, isso fica bem claro, porque, na verdade, nesta Platão está contando o processo de ascensão espiritual do filósofo ou mesmo do artista.



A imagem acima é uma das representações mais aprazíveis da Alegoria da Caverna. Para quem não conhece, nesta Platão relata o seguinte:

Imagine que os homens são colocados dentro de uma caverna. Eles estão atrás de um muro, sentados de costas para a saída, olhando para a parede. Esses homens estão ali desde pequenos e ficam a vida toda assim. Atrás desses homens, há um muro e, atrás deste, uma fogueira. Depois da fogueira, está a saída. Entre a fogueira e o muro, há um fosso. De repente, pessoas passam carregando imagens. Aqueles homens sentados de costas para a saída veem, pela luz da fogueira, as imagens projetadas no fundo da caverna, a qual reflete aquilo que as pessoas estão carregando. Esses homens acham que a verdade, que a realidade, é aquilo que está na parede, mas, na verdade, estão vendo sombras. De repente, um daqueles homens é forçado a sair. No livro “Convite à filosofia”, Marilena Chaui expõe que esse homem como um revolucionário, como se ele se soltasse e saísse da caverna. Isso não é verdade. Platão afirma que esse homem é pego à força e levado para fora da caverna. No lado de fora da caverna, esse homem fecha os olhos e não consegue enxergar. À medida que anoitece, ele vai conseguindo abrir os olhos. À noite, ele consegue ver a sombra das coisas pela lua. Conforme amanhece, esse homem vê as coisas refletidas na água, até que consegue enxergar as coisas por elas mesmas. Depois, consegue olhar para cima e contemplar o sol, que é a imagem do bem, do belo e tal.

A “Alegoria da Caverna” está no sétimo livro de “A República” e é um exemplo ascensional do filósofo, acerca do qual Platão fala. Além disso, é exatamente o

resumo do que é a teoria platônica tanto em termos filosóficos quanto em termos artísticos. É sempre apontando para o belo ideal, que temos de buscar através da contemplação.

Aristóteles

Aristóteles foi um dos principais discípulos e aluno por vinte anos de Platão. Seu descolamento do platonismo ocorreu aos poucos. Muitos dos escritos de Aristóteles foram perdidos. Hoje, a maioria dos textos que existem são anotações de aula. No entanto, há um livro, que curiosamente foi publicado em português com o título “Convite à filosofia”, como o da Marilena Chaui, em que Aristóteles versa acerca da função da filosofia, do que é filosofia propriamente dita, e é algo bem platônico. Ele apresenta uma visão bastante idealista. Depois, Aristóteles vai se descolando de Platão e, no conceito de arte, subverte a questão platônica. Aristóteles afirma que o belo não é um ideal, o belo não é algo que será buscado fora do que existe aqui. Ele prossegue que, na verdade, a beleza está na proporção.

Aristóteles é o filósofo do meio termo. Em sua ética, ele faz a mesma coisa. Para ele, virtude é o meio termo entre a falta e o exagero. A prudência é exatamente isso. Você não exagerar nem para mais e nem para menos. Quando Aristóteles afirma que a beleza, que o belo, está na proporção, é isso que está dizendo também. O belo é algo nem muito exagerado e nem tão pouco notável. A beleza está na proporção. A obra sobre estética de Aristóteles se perdeu. Contudo, encontramos lampejos acerca do que Aristóteles entendia sobre estética no livro dele “Poética”, ainda que fale mais propriamente da tragédia. Aristóteles separa o belo, digamos assim, em várias categorias, algo interessante porque nos dá uma ideia de como vemos as coisas na atualidade. Aristóteles afirma que há tipos distintos de beleza:

- Gracioso: é a beleza em pequenas proporções, como, por exemplo, uma rosa ou uma joaninha;
- Risível: beleza com alguma desproporção. É o caso da caricatura, que é justamente realçar uma característica predominante. Eu, por exemplo, tenho um nariz grande. Se fizessem uma caricatura de mim, fariam um grande nariz. Essa desproporção não descaracteriza a pessoa, acaba ficando engraçada. O caricaturista puxa uma característica ou outra que há sobressalente e traz isso que é o risível para o Aristóteles.

- Belo: beleza dotada de proporção e harmonia. É a proporção e a harmonia perfeitas. Por exemplo, o David de Michelangelo. É o homem perfeito. O corpo todo desenhado. Ele é todo proporcional. Não é como olhar para o Nestor Cerveró, porque, na nossa noção de proporção, as coisas estão mais ou menos no mesmo lugar.
- Beleza do feio: animais ferozes, de uma beleza que assusta. Por exemplo, o novo Godzilla. É a beleza dos titãs. Há aquele filme antigo “A fúria de Titãs”. O tipo de beleza que há neste filme é a beleza do feio.
- Sublime: beleza grandiosa, eloquente. A beleza da Capela Sistina ou de uma dessas catedrais que a Europa tem aos montes.
- Beleza do Horrível (trágico): beleza grandiosa, que provoca catarse. Talvez o melhor exemplo seja a medeia, que é aquela que mata os próprios filhos. O marido dela inventa que vai casar com a princesa para sustentar melhor a família, que vai casar com a princesa para conseguir dinheiro e dar uma vida melhor para ela e para os filhos. Medeia fica muito brava e envenena todo mundo. Essa catarse. Há também a história do próprio Édipo, que se casa com sua mãe, mata o pai e se cega no fim, furando os próprios olhos. Essa é a beleza do horrível que provoca a catarse.

Aristóteles dá um panorama daquilo que é belo. Conseguimos usar essas categorias para contemplar aquilo que nos cerca. Aristóteles classificou a beleza para nós, deixando nossa contemplação estética muito mais precisa nesse sentido. Claro, ele subverteu a teoria platônica das ideias, de que o belo está fora daqui e deve ser buscado no mundo de contemplação exterior. Aristóteles nega isso e afirma que as coisas mesmas transmitem esse tipo de beleza.

Essa concepção aristotélica do belo atravessa toda Idade Média e só foi ser subvertida com Immanuel Kant.

Immanuel Kant

Kant causa uma complicação em relação à estética. Um exemplo de kantiano atual é Roger Scruton. Se você conhece Kant e lê seu livro “Beleza”, percebe que Scruton tem um apreço muito grande pela estética kantiana que, de fato, é um tanto sedutora.

Kant atribuiu um valor subjetivo à beleza. Para Platão, e até para Aristóteles, a beleza tinha um valor objetivo, ou seja, aquilo que é belo, é belo por si só. Um animal

é belo porque é belo. Uma estátua é bela porque ela é, não porque eu a vejo. Eu posso olhar e achar feio, mas o problema está em mim e não na própria imagem, porque a beleza, para os gregos, é objetiva.

Kant nega isso e afirma que a beleza tem um caráter subjetivo. O nosso julgamento estético é subjetivo, porém, ele não é um subjetivismo puro. Kant tenta se livrar do objetivo, mas não consegue muito ou não quer. Kant afirma que o juízo de gosto é diferente do juízo sobre o agradável, que é a sensação de prazer propriamente dita. Então, você vê uma obra de arte e acha bonito. Nesse primeiro, “eu acho bonito”, é o mero juízo sobre o agradável. Aquilo que me causa um certo prazer. Mas isso ainda não é, para Kant, um julgamento estético, porque este depende de outras coisas.

Kant diz que o juízo de gosto, mesmo que esteja centrado no sujeito, não é desprovido de certos critérios que todos, de certo modo, já temos dentro de nós. O juízo de gosto é subjetivo, mas todos temos, dentro de nós, uma série de critérios que são objetivos, aos quais ele chama de juízo de gosto. O juízo de gosto é um universal sem conceito. É universal porque todos o têm e é sem conceito porque é uma espécie de modelo que temos dentro de nossa cabeça. É uma espécie de arquétipo das coisas que vamos preencher de acordo com o que formos contemplar.

Isso impõe alguns problemas à teoria estética de Kant:

1. Há um desejo de universalidade em meu juízo.

Quando eu vejo algo bonito, eu penso que todo mundo vai achar. Se é bonito para mim, é bonito para todos. Esse desejo de que a beleza que estou vendo seja universal, todos também vejam a mesma coisa.

2. A necessidade subjetiva aparece como objetiva, porque há uma harmonização dessas faculdades comuns a todos os seres humanos, que é o juízo de gosto.

O juízo de gosto é o universal sem conceito.

3. O prazer estético é um prazer desinteressado.

Vamos supor que estejamos diante da Monalisa. Eu vejo a Monalisa e a acho bonita. Ao mesmo tempo, olho para os lados e me questiono se todos também estão achando a Monalisa bonita da mesma forma que eu estou. Isso é aquele desejo de que todos estejam vendo a mesma coisa que eu. Kant dá um passo além e afirma que esse tipo de prazer estético não tem uma função, ele é meramente contemplativo. Então, ele é desinteressado, ele é meramente contemplativo.

4. O juízo de gosto é uma finalidade sem fim.

O Kant consegue colocar a contemplação em termos filosóficos. Universal sem sentido, prazer desinteressado, finalidade sem fim, são todos termos kantianos para contemplação estética. Diante de um objeto belo, todo esse exercício de contemplação é subjetivo, ao mesmo em que é temperado por essa série de pressupostos que todos já carregam consigo. Há, nessa contemplação, o desejo de que todos estejam vendo a mesma coisa, como eu estou vendo, mas isso não tem qualquer função, é mera contemplação estética. Isso ajuda e atrapalha no conceito de estética, porque Kant passa para o sujeito a capacidade de contemplar e de julgar as coisas, mas também pressupõe que em todo mundo há uma série de pressupostos que nos levam a contemplar uma coisa que seja bela de fato. Então, Kant acaba amarrando a nossa contemplação a uma questão conceitual. É belo porque eu acho que é belo, mas também porque tenho uma informação na minha cabeça de que o belo é isso. É uma espécie de relação de troca. Eu envio uma informação de que estou achando bonito, ao mesmo tempo em que corresponde com aquela informação do que é bonito para mim e que todo mundo tem. Parece bagunçado, mas não é. É que precisa assentar esse tipo de ideia na nossa cabeça.

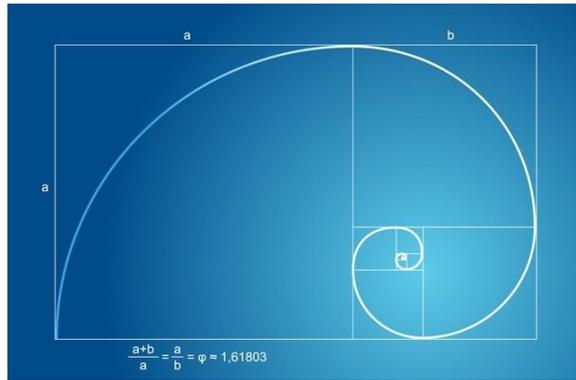
Quando percebemos que junta três coisas, o meu juízo de prazer em relação ao belo, o meu juízo em relação ao belo de acordo com as ideias, com os pressupostos que já tenho, e a minha necessidade que isso seja universal. Juntando essas coisas todas, para o Kant, há o prazer estético e a contemplação.

A PROPORÇÃO

Antes de encerrarmos, gostaria de falar sobre o conceito de proporção, porque, na verdade, tanto a ideia de Aristóteles da proporção, quanto a ideia de Kant sobre esses universais sem conceito, estão relacionados com o conceito de proporção áurea, Fibonacci. Quem estuda arte ou matemática sabe o que é isso.

A proporção áurea

O que é o conceito de proporção áurea ou razão áurea? Essa é a fórmula geométrica do que é a proporção áurea. Abaixo, há uma fórmula, cujo resultado é 1,61803. É uma dízima periódica, reduzida às três casas. Então, 1,618. Esse é o número da proporção áurea.



Qual o conceito?

Proporção áurea, número de ouro, número áureo, secção áurea, proporção de ouro é uma constante real algébrica irracional denotada pela letra grega ϕ (Phi), em homenagem ao escultor Phidias, que a teria usado para conceber o Parthenon, e com o valor arredondado a três casas decimais de 1,618.

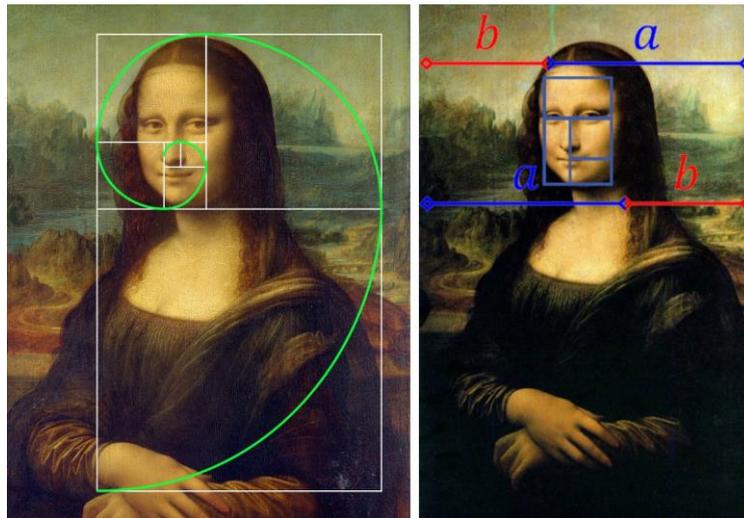
Desde a Antiguidade, a proporção áurea é usada na arte. Este número está envolvido com a natureza do crescimento, e pode ser encontrado de forma aproximada no homem (o tamanho das falanges, ossos dos dedos, por exemplo), nas colméias, entre inúmeros outros exemplos que envolvem a ordem de crescimento na natureza. Algo que podemos fazer que é fácil é pegar a altura. Da ponta da cabeça até a cintura e da cintura até o pé. Se você dividir um desses números pelo outro, dá aproximadamente o número de ouro.



Na imagem acima, há alguns exemplos presentes na natureza em que é possível calcular a proporção áurea. Na natureza, é possível encontrar essas formas que, aplicando a fórmula da proporção áurea, resulta no número de ouro.

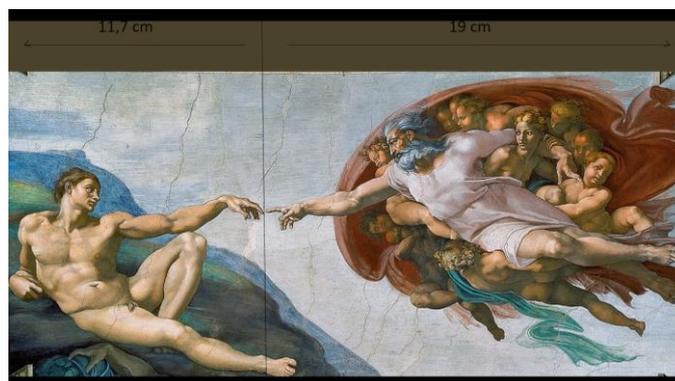
Na arte, isso também é vastamente utilizado, e foi utilizado durante toda modernidade. Até hoje, também é possível encontrar a proporção áurea nas coisas.

Abaixo, uma reprodução da Mona Lisa, em que se assinala a distância da cabeça de um lado até o outro, do cabelo de uma ponta até a outra.



É curioso pensar que o artista tinha essa preocupação de tentar fazer a imagem proporcional para não gerar desconforto. É exatamente isso. Você olhar uma imagem e aquilo soar natural para nós, porque, na verdade, esse senso de proporção é provavelmente aquilo que o Kant chamava de universal sem conceito. Nós já temos, dentro de nós, esse senso de quando as coisas estão no lugar e de quando elas não estão. Uma pessoa muito alta ou um anão apresentam uma certa desproporção. É fácil de notar a desproporção.

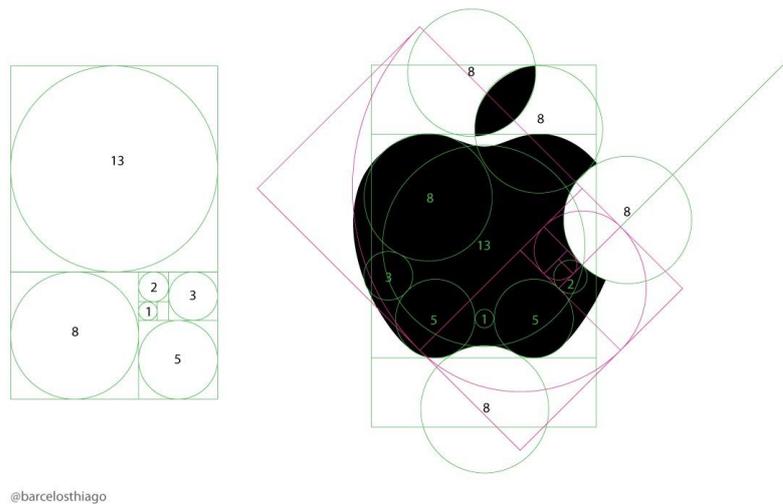
Algo interessante é a criação de “Adão” do Michelangelo.



Você pode fazer essa experiência na sua tela de computador. Eu medi com a régua. Deu 11,7 cm para um lado e 19 cm para o outro. O meio é onde tocam os dedos, o dedo de Deus com o dedo de Adão. Se você dividir um pelo outro, deu 1,62 cm.

É algo que está na natureza mesmo. É incrível que isso exista e que seja possível reproduzir, que seja possível encontrar em nós mesmos. Não é sem razão que isso é chamado de número de Deus. É impressionante que isso exista, porque é

algo que está na natureza e que a arte tão bem se apropriou. Mais recentemente, quem se apropriou disso, foi a propaganda.



Os livros mais modernos foram modificados neste sentido, mas, mesmo o formato de um livro comum, padrão, é assim. Se você dividir a largura e a altura, vai obter aproximadamente esse número. Ele é feito para gerar o conforto da proporção. O cartão de banco é a mesma coisa. Se você dividir a largura pela altura, obtém um número parecido com 1,618. A propaganda também se utiliza disso. O próprio símbolo do *apple*, é cheio de formas geométricas que remetem à proporção áurea.

A arte moderna

A arte moderna e, mais propriamente, a arte contemporânea são aquelas que abandonam isso, tanto em relação à arte plástica quanto em relação à música. Diante desse cenário, há duas alternativas: ou nossa noção de beleza grita para retornar àquilo que era antes ou solicitamos que os especialistas nos expliquem, pois a arte virou uma ideia.



A pintura acima é “A mulher chorando” de Picasso. Quando a vislumbramos, precisamos que alguém nos explique por que deve ser considerada alguma coisa. Não é mais só olhar e perceber que lindo o quadro é. Em um primeiro momento, é pavoroso. Se alguém explicar, pode ser que eu me convença que isso apresenta algum valor artístico, não só porque é o Picasso. Contudo, é uma subversão total do senso de proporção, da questão da beleza.

Quando a arte moderna aparece, e aparece principalmente com Duchamp, é exatamente isso que ele faz.



Duchamp afirma que a arte não existe mais. A beleza não existe mais. A beleza está nos olhos de quem vê, o famoso mote. Por que este mictório é bonito? A resposta é: porque eu quero que seja. A arte já não tem mais a função de transmitir aquilo que é belo, de fazer uma ligação transcendental da minha alma a algo divino. Não tem

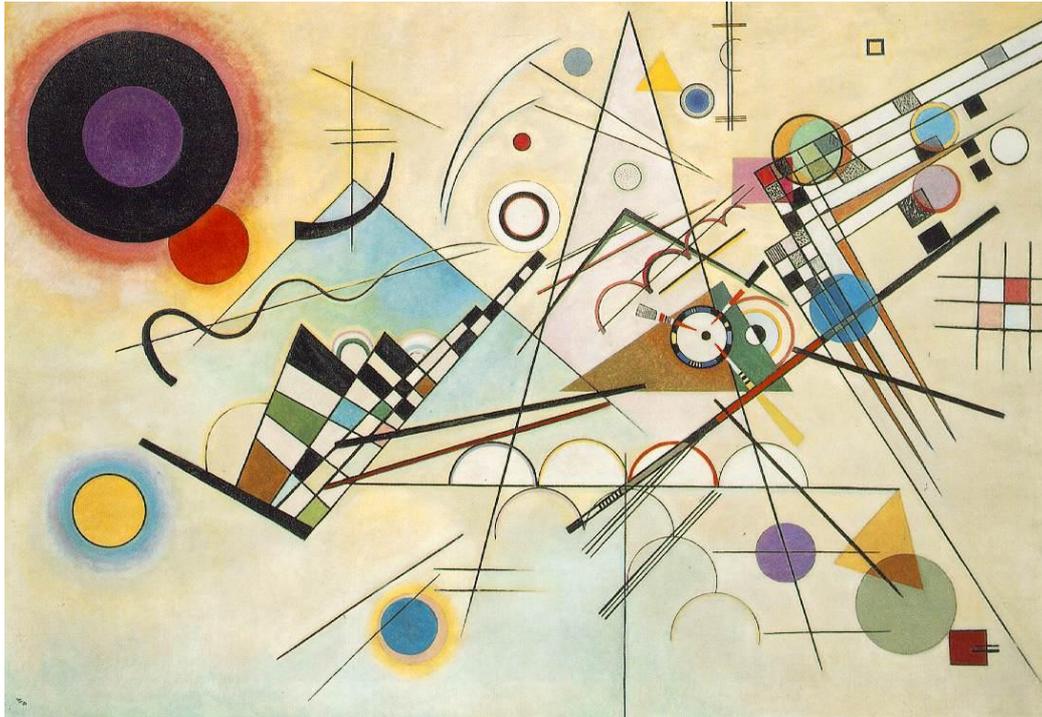
mais a função de arar a minha alma e prepará-la para morte. Não. A arte tem a função de transmitir a ideia do artista. É um *statement*, é aquilo que o artista está pensando. Evidentemente, Duchamp fez isso de brincadeira, mas a brincadeira acabou virando séria e virou isso. Depois do Duchamp, tudo bagunçou de vez. O sujeito coloca uma cama desarrumada como se fosse arte. O Scruton fala disso no documentário. Há aquela obra lá, que eu não lembro nem o nome, que é uma cama toda desarrumada, cheia de roupa jogada no chão e a artista tentando explicar aquilo. O que faz isso ser uma obra de arte? Ela responde que está pensando não sei o quê lá, nas relações que esfriaram entre os casais, etc.. A pessoa tem que escrever um texto para explicar por que aquele negócio é uma obra de arte. Ou aquele óculos que colocaram em um cantinho de uma exposição. Passou alguns minutos, tinha gente tirando foto, achando legal. Recentemente, em uma exposição, o responsável por limpar uma galeria de arte à noite, viu madeiras empilhadas e se questionou o que aquele lixo estava fazendo ali. Ele as colocou fora. No dia seguinte, as pessoas estavam querendo saber o que havia acontecido com a obra de arte que estava ali. Para o assistente de limpeza, aquilo era lixo. Como diz o Chesterton, o senso comum é a filosofia mais preciosa que existe. Aquilo que é bonito, é bonito mesmo. Aquilo que é feio, é feio mesmo. Claro que há, entre aquilo que é muito feio e aquilo que é muito bonito, uma gradação, mas sabemos que um mictório é um mictório, não é uma obra de arte. Se ele fizesse um outro tipo de mictório, fizesse alguma coisa, mas esse é um que ele tirou de um lugar mesmo, é uma louça, e pôs lá. Isso acaba perdendo completamente o sentido de arte que estávamos tratando até agora e hoje vivemos em um mundo em que a arte virou isso. Ou mesmo a imagem abaixo, que é nada. É uma propaganda de lata de sopa.



Essa imagem, no entanto, estava em uma galeria de arte. Em que isso me liga a alguma coisa que não o próprio artista? Pessoas que foram criadas dentro dessa perspectiva e estudaram arte têm uma variedade de explicações para isso, mas o fato é que se você pega uma pessoa que está passando na rua e pede para que olhe essa imagem, ela vai dizer que é um monte de latas. Se você mostrar a ela o naufrágio do Géricault, ela vai reconhecê-lo como uma obra de arte. Há muita diferença entre essas duas coisas. Para mim, é um absurdo que as pessoas queiram compará-las. É evidente que isso está completamente fora do sentido de arte, do sentido de cultivar a imaginação que a arte clássica ou o sentido clássico de arte e de estética tem. Essa imagem das latas é arte para causar algum impacto que seja não estético, mas esteticista. É aquilo que a ciência descamba para o cientificismo, que é um exemplo que vou trazer quando estivermos falando de imaginação. Isso aqui está fora de um conceito de que podemos considerar como arte no sentido de arte da parte inicial da aula, o sentido clássico de arte e de beleza.

Kandinsky e Besançon

Entretanto, isso não foi completamente despedaçado. Alguns artistas modernos tiveram uma preocupação de fazer essa conexão, digamos assim, espiritual, e é por isso que eu chamei aqui de abstrato-espiritual, não propriamente de modo direto, com uma representação, mas conseguiram construir uma espécie de espiritualidade de modo abstrato, como, por exemplo, o Kandinsky.



Isso é algo bonito. Não faz sentido nenhum, é um monte de formas,mas é diferente do monte de latas. De algum modo, essa pintura do Kandinsky tem uma beleza, que, é claro, não conseguimos explicar, porque é uma pintura abstrata, não sei se são as cores, as coisas acabam ficando integradas. Alguém acha que não? Que é só uma bagunça de formas? Ou em todo mundo causa a mesma impressão que causa em mim? Quando olho esse quadro do Kandinsky, por exemplo, e ele tem muitas obras assim, mesmo que não entendamos o que quis dizer com isso, há uma espécie de conformidade nas cores, nas formas, no modo como elas estão dispostas. Há algo meio futurista. Mesmo abstrato, tem cara de arte. Tem uma explicação, presente no livro do Alain Besançon, “A imagem proibida”, que trata da iconoclastia na história, em que há um capítulo sobre o Kandinsky e eu achei legal trazer para lermos juntos. O Kandinsky era envolvido com teosofia, leu muito Blavatsky, então tinha mesmo um senso de espiritualidade dentro da sua arte. Aquilo que faz, faz tentando dar um sentido para pintura. Vejamos então o que Besançon fala citando o Kandinsky:

“A arte, escreve, é em muitos pontos semelhante à religião. Sua evolução não se faz por meio de novas descobertas que anulam as antigas verdades. Ela é feita ‘de súbitos lampejos, semelhantes ao raio, é feita de explosões’ que são, em suma, o ‘desenvolvimento orgânico’ da sabedoria anterior. ‘Esse novo ramo não torna inútil o tronco da árvore: é o tronco que permite ao ramo existir’. O que ele iniciou é ‘uma

ramificação da Árvore original', uma 'divisão primordial, de importância considerável', do velho tronco único em dois ramos principais, ramificação indispensável à formação da Árvore Verde'. A supressão do objeto na pintura¹ 'é, portanto, como o salto da fé²: uma salvação da alma aberta à luz, a qual compreende, por fim, depois de tantas tribulações, o sentido profundo da arte; um ingresso na liberdade espiritual e na liberdade artística (inseparavelmente). E tudo isso porque a exigência de uma vida interior na obra triunfou. Ora, essa concepção de arte, porque é paralela à moral interiorizada reclamada pelo Evangelho, é, segundo ele, cristã'. Ao mesmo tempo, traz em si 'os elementos indispensáveis à acolhida da 'terceira' Revelação, a Revelação do Espírito'''. (Alain Besançon, *A imagem proibida*, Bertrand Brasil).

Neste ponto da revelação do espírito, Besançon está falando do Joaquim de Flora, o qual Kandinsky estudou. Joaquim de Flora divide a história da humanidade em três eras. A terceira e última era é a era do espírito. O Eric Voegelin, o filósofo contemporâneo, faz uma crítica severa a esse aspecto do Joaquim de Flora, chamando isso de uma ideologia muito perniciosa que tomou principalmente o final da Idade Média e o começo da Modernidade. Voegelin faz isso na obra "A nova ciência da política". Vejam só: acabamos voltando na definição de Tarkóvski, na definição do próprio Cláudio Pasto, em uma definição mais espiritual daquilo que a arte significa, mesmo uma arte abstrata como é a arte do Kandinsky.

Makoto Fujimura

Há um artista contemporâneo que acho sublime. Por isso, quero terminar essa aula falando dele, que é o Makoto Fujimura. Ele está vivo e inclusive tem um instagram. Vale a pena segui-lo. Ele é um pintor contemporâneo, também abstrato, mas tem obras que são belíssimas.

¹ Kandinsky está pensando em uma pintura sem objeto.

² Achei isso muito interessante. Na filosofia de Kierkegaard, este afirma que a fé é um salto no escuro, você não sabe o que você vai encontrar no outro lado. Então, a supressão do objeto na pintura é também um salto de fé. Voltando à pintura de Kandinsky exposta acima, ou você embarca no abstrato ou você fica indiferente. Mas se você para e olha, percebe que, de alguma maneira, isso tem beleza.



Essa, por exemplo, eu acho que é de uma beleza. A composição de cores é algo muito interessante. Ele tem outras obras parecidas com essa. Algumas são ainda mais abstratas.

Acho que é primeiro é a sensação de prazer, da qual falava Kant. O primeiro olhar que temos para a contemplação estética é que tipo de sensação o objeto nos causa. Se causa repulsa, se é o belo do feio, se é o gracioso, como dizia o Aristóteles. Na arte abstrata, é preciso encontrar o elemento que chama atenção. Muito provavelmente, para todo mundo, é essa conformação entre aquilo que estou vendo e a minha expectativa, digamos assim. Não é um quadro objetivo. O único aspecto objetivo é aquela espécie de árvore que está no canto direito, mas o resto são cores. Mas, de certo modo, a cor pastel está embaixo, o azul está em cima. Então, tem uma composição que lembra uma certa ordem. O que está embaixo é terra, o que está em cima, céu. A árvore ao lado. Não é algo totalmente desprovido de sentido.

Você está olhando com uma cara de “para mim, não está significando nada”.
Comentário: para mim, não significa muita coisa mesmo. Tem o verde bem em cima. O que ele seria?

Claro, não precisamos dissecar a pintura. Mas faz sentido que esse tom pastel esteja em baixo e que acima o azul. Não que seja o céu, mas a disposição das cores me lembra isso. Eu acho uma pintura belíssima, apesar de abstrata.

Essa aula termina com o Fujimura. Espero que vocês tenham conseguido compreender o que é a arte, qual a importância e a função da estética na própria

concepção de arte, para podermos ligar isso, na segunda aula, a como isso casa com a nossa imaginação ou com a formação da nossa imaginação e como isso pode alimentar nossa vida de sentido. Quem é artista, hoje, tem que se preocupar com essas coisas. Pelo menos no sentido em que estamos tratando aqui, de acordo com a nossa visão de mundo. Botar as coisas no lugar exige muito trabalho. Um artista conservador precisa se preocupar com isso: como retomamos as coisas? Como colocamos as coisas de novo no lugar? Como remontamos tudo que foi jogado no chão? Como construímos de novo nos escombros que os contemporâneos transformaram a arte? Essa é a função de um artista hoje, de um artista que deseja ver a sua obra na posteridade como responsável por um reflorescimento daquilo que julgamos bom, belo e, digamos assim, culto, no sentido de cultivo mesmo. Como podemos arar a alma das próximas gerações através da arte? Se não nos preocuparmos com essas coisas que falamos há pouco e com aquilo que vamos conversar na segunda aula, acho que não tem jeito. A preocupação de quem produz arte ou de quem ensina arte ou de quem contempla arte e deseja que aquelas pessoas que estão no seu entorno também sejam capazes de fazer o mesmo, tem de ter esse tipo de preocupação. É uma tarefa nossa para as próximas gerações.

PERGUNTAS

Comentário: tem um professor americano que fez um teste com os alunos dele. Ele pegou um quadro, atribuiu-o ao Roman Polanski, e pediu para os alunos o interpretarem. O quadro era feito de pinceladas aleatórias, sem nenhum senso de proporção. Era uma bagunça de tintas. Os alunos escreveram que o quadro era expressivo, simbólico, a confusão da mente humana. Enfim, deram várias respostas eloquentes sobre o que era o quadro. No final, quando foi dar nota para as provas, esse professor informou que o quadro era um zoom do seu avental, que usava para pintar, e não significa nada. O professor perguntou por que haviam julgado tudo aquilo, se era só porque era um quadro do Roman Polanski, um homem conhecido, famoso. Acho que a arte se perdeu muito, nesse sentido.

Professor: é, no subjetivismo. A partir do momento que as pessoas começam a dizer que não existe verdade, é aí que mora o perigo. Não existe verdade, não existe beleza. Cada um acha o que quer.

Como cinco pessoas podem compartilhar uma casa se cada uma delas é um universo fechado em si próprio? Cada pessoa é um universo próprio e você não consegue conviver com ninguém assim. O mundo contemporâneo é exatamente isso. Todo mundo tem uma série de pressupostos próprios e acha que está bom, tanto em arte quanto em qualquer outra coisa. Como ela vê o mundo. O que é verdade para ela, não necessariamente é verdade para o outro. Pior, ela não está nem aí. Em uma discussão, vai afirmar: você tem a sua verdade e eu tenho a minha. Isso é o que importa. Ela não consegue levar isso às últimas consequências e ver que isso pode levá-la a matar você, por exemplo.

Comentário: isso foge até da verdade aristotélica. Aristóteles já sabia que a verdade existe até certo ponto e que se você não a busca, vai achar o errado e a mentira, necessariamente.

Professor: pior. É aquilo que está em uma fábula do Esopo que fala sobre os bens e os males. Por que os bens são tão escassos e os males são tão frequentes? Porque os bens vêm do céu e os males já estão conosco aqui. Se você não busca o bem, o mal está perto. É muito fácil você descambar para fazer o mal do que você encontrar meios de fazer o bem. Eu acho que a arte acaba caindo nisso também. Se a pessoa não está preocupada com a beleza, não está preocupada com o sentido sacramental da arte, com a sua própria função enquanto artista, como alguém que é, como diz o Tarkóvsky, um servidor, que recebeu um dom e que está tentando pagar pelo dom que recebeu, acabou, o sujeito faz qualquer coisa.

Pergunta: professor, nos seus estudos sobre a arte, o senhor chegou a observar algo sobre o ecossistema no Brasil hoje de artistas e de institutos que promovem, existe algo diferente do comum do contemporâneo?

Professor: não, mas eu julgo que não haja. Se há, é muito pouco, iniciativas isoladas. Vivemos uma época de politicamente correto, que acabou virando um clichê. Mas, no sentido propriamente dito do politicamente correto, de que todo mundo quer fazer uma espécie de bem social. Uma coisa que eu sempre critiquei: colocar uma orquestra para tocar na favela, porque as pessoas na favela tem que ter acesso à arte. Isso é completamente diferente de você pegar crianças da favela e levá-las à sala São Paulo. É completamente diferente, porque você tira ela do ambiente, você a

leva a um ambiente que é propício para isso e ela tem ali uma experiência de verdade. A experiência de ir a um concerto é que é totalmente diferente. Esses dias eu participei de um debate sobre movimentos sociais e foi mencionada a arte da periferia. Como assim, arte da periferia?

Comentário: parece-me que o politicamente correto faz com que as pessoas tenham medo de dizer o que elas acham feio. O sujeito passa do lado de uma favela, acha feio, porque é feio, desordenado, tu vêes que está sujo. Tu sabes o que é sujo, tu sabe o que fede. O sujeito vislumbra algo que parece estar fedendo. Tu não está perto. Então, tu percebes, mas tu tens medo de dizer que é feio.

Comentário: a arte vira intocável. É impossível de ser criticada por qualquer que seja o crítico. Qualquer tipo de arte está sujeita a críticas, mas essa vira uma arte que não pode criticar.

Professor: porque a crítica virou elitismo.

Comentário: recentemente, fizeram uma pichação, houve um vídeo a respeito, de um prédio em São Paulo, perto do terraço Itália. A pichação estava sendo criticada e algumas pessoas falaram que aquilo era arte. Uma letra de nome meio torta, escrita na lateral de um prédio. Para mim, isso é um vandalismo, mas não, você tem que respeitar que isso é arte.

Professor: a pergunta é: é arte sob qual aspecto? O que as pessoas vão te responder é que é arte porque para elas é.

Comentário: o conceito moderno é que a arte é uma expressão pessoal. E se a arte é uma expressão pessoal, nada é arte. Se tudo é arte, nada é arte. Esvazia o conceito.

Professor: sim, você esvazia o conceito. É a mesma coisa que, e aqui vou entrar em um terreno pantanoso, fizeram com o conceito de família, por exemplo. Família é qualquer coisa? Não, não é qualquer coisa. Ah, mas e quem cresce só com mãe? Tudo bem. Precisamos encaixar isso em algum lugar, mas não podemos esquecer que esse conceito tem um sentido. As palavras têm sentido. Não dá para você pegar uma palavra e esticá-la. Se você a esticar demais, ela some. O que é família hoje? Qualquer coisa. Pai de pet, mãe de pet. Vira qualquer coisa.

Comentário: é o perigo de ficar desconstruindo tudo.

Professor: exatamente, é isso que acontece. A própria dissolução do tecido social permite que apareça qualquer tipo de maluco com qualquer tipo de ideia, enfiando na nossa cabeça qualquer coisa e fazendo a gente tomar veneno achando que estamos tomando um drink. Porque isso não é veneno, isso é um drink. Você toma e morre. É

isso que eles estão fazendo. Eles estão envenenando a sociedade com essa ideia de que não há absolutos. Isso é um envenenamento da sociedade, porque aí não há mais ordem.

A imaginação tem uma função primordial na nossa visão de mundo ou, como diz o C.S. Lewis, no sentido que damos para as coisas. A imaginação tem um papel fundamental. A gente saber distinguir, é uma espécie de resistência mesmo hoje, entre o que é feio e o que é bonito. Tem uma escritora brasileira, sobre a qual escrevi recentemente, que se chama Carolina Maria de Jesus. É uma escritora favelada que viveu nas décadas de 1940 e 1950 na favela do Canindé, aqui em São Paulo, que não existe mais. É onde hoje é o estádio da Portuguesa, ali na Marginal Tietê. A Carolina Maria de Jesus morou ali. O livro dela chama “Quarto de Despejo - o diário de uma favelada”. É um diário. Portanto, ela escrevia sobre o dia a dia da favela. E ela não gostava de morar lá. ‘Isso aqui é sujo, é fedido, as pessoas brigam, não tem educação’. Ela fala mal, critica. O pessoal, porque é negra, tornou-a uma espécie de ícone como uma escritora negra, ao mesmo tempo em que a rejeitam pois alegam que tinha uma visão contaminada, porque ela fala mal. Ela dizia que aquele lugar era feio, que morar na favela é ruim. ‘Como as pessoas podem aguentar morar aqui? Só tem confusão’. Ela fala mal de bebida. Tem um trecho do livro em que ela fala: ontem eu tomei uma cerveja, hoje estou com vontade de tomar outra, mas não vou tomar, porque eu tenho três filhos para criar e quem bebe não tem futuro. Coisa impensável de se dizer hoje. É aquela mãe à moda antiga. Criou os filhos sozinha. Teve um filho com brancos, portugueses. Ela dizia que não queria saber de homem, porque iria atrapalhá-la. Ela dizia que queria viver sozinha porque nenhum homem aguentaria uma mulher que dorme com bloco de anotação debaixo do travesseiro. Que acorda de madrugada para escrever. Veja, a mulher tinha um senso moral muito acima da média, mas hoje isso é considerado uma espécie de contaminação elitista porque ela não gostava de morar naquele lixão. Ela não achava bonito, porque hoje as pessoas acham bonito. É aquilo que o Theodore Dalrymple vai chamar da vida na sarjeta. Pessoas moram em lugares fétidos e sujos, em boa medida, porque gostam daquilo, porque se você pega uma favela, desfaz e constrói uns prédios e tal, passa um ano, vira uma favela. Dificilmente as pessoas cuidam do prédio, porque a alma está tão embotada de sujeira, que ela acaba reproduzindo aquilo.

Comentário: não foi ela quem construiu, então ela não fez a transformação.

Professor: eu acho que, em grande parte, é por isso.

Comentário: sem contar que dá trabalho manter as coisas bonitas e organizadas.

Comentário: é do reflexo. Aquela coisa é feia, mas a pessoa acha bonito porque está refletindo o que tem dentro de si.

Professor: exatamente. A ordem interior reflete na ordem exterior. Isso está no Platão já. Se a alma está desordenada, o resto todo vai ser desordenado. Uma alma perturbada produz perturbação. Se queremos criar uma sociedade saudável, digamos assim, ou queremos pelo menos contribuir para que isso aconteça, a arte tem uma função nisso, a educação tem uma função nisso, a imaginação tem uma função nisso. Quer dizer, temos um trabalho hercúleo para fazer, que está muito longe de ser a política, que é, perdoem a expressão, o cocô do cavalo do bandido nessa história toda. Não tem nada a ver com política. Nada. O trabalho mesmo vai estar sendo feito no subterrâneo.